

## SADE ENTRE EPICURO E ZENÃO

Clara Carnicero de Castro<sup>1</sup>

Resumo: Nos romances de Sade, encontramos referências a duas correntes filosóficas não somente distintas, mas aparentemente incompatíveis. De um lado, há o fluido elétrico, substância plena cuja origem remonta ao *pneuma* do estoico Zenão. De outro, a metempsicose materialista, que retoma o atomismo de Epicuro. Quanto ao primeiro, o século XVIII foi marcado pelos experimentos com a eletricidade, apresentada então como um fluido invisível, capaz de se propagar por toda parte, na matéria viva bem como na matéria inerte. No ser humano, tal fluido circula dentro dos nervos, de modo a ligar o cérebro aos músculos para produzir sensações e movimento. Paralelamente, os princípios transmitidos por Lucrecio se disseminam na literatura clandestina. Pretendia-se refutar a existência de Deus como causa primeira do universo e comprovar a materialidade da alma, explicando todas as transformações dos corpos pelo movimento perpétuo dos átomos. Em seu sentido materialista, a transmigração ou metempsicose seria uma reorganização da matéria sob diferentes formatos. Este artigo pretende examinar como Sade transgride os limites entre Epicuro e Zenão nos discursos de seus personagens.

Palavras-chave: Sade – Epicuro – Zenão – átomos – *pneuma*.

Embora a física de Zenão seja construída como a exata antítese do atomismo de Epicuro, Sade transgride os limites que separam esses dois arqui-inimigos. Apesar da rivalidade, as trajetórias dos dois pensadores gregos não são assim tão diferentes. O fundador do Epicurismo nasceu na ilha de Samos, em 341 ou 342 antes de Cristo. Aos 26 anos, instala-se em Atenas, onde ensina filosofia diretamente do jardim da sua casa até os 72 anos, quando falece<sup>2</sup>. O fundador do Estoicismo nasce na ilha de Chipre, dez anos depois do seu rival. Zenão também se muda para Atenas na juventude, aos 21 anos mais precisamente, inaugurando a escola do Pórtico seis anos depois do início da escola do Jardim<sup>3</sup>. Falece com a mesma idade seu opositor: 72 anos<sup>4</sup>. Materialistas, sensualistas e interessados pelos mesmos problemas, Epicuro e Zenão elaboram, contudo, soluções filosóficas diametralmente opostas<sup>5</sup>. A física epicurista propõe explicar todos os fenômenos da natureza pelo movimento e pelo choque aleatório dos átomos – partículas indivisíveis, indestrutíveis e cuja locomoção depende do espaço vazio. A física

---

1 Pós-doutoranda do departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo - USP e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP.

2 Ver PIGEAUD, “Introduction”, p. XIII-XIV.

3 Ver SCHUHL, “Préface”, p. XV-XVII.

4 Ver LAÉRCIO, “Vies et opinions des philosophes”, p. 26-27.

5 Ver SCHUHL, “Préface”, p. XV e p. XXIII.

estoica, em contrapartida, rejeita tanto o vácuo quanto a impenetrabilidade das partículas elementares da matéria, capazes de se fundirem e de se dissolverem. Os fenômenos da natureza se explicam por um princípio ativo contínuo que penetra no mundo e nos seres, exercendo uma força tensional responsável por moldar e unir todas as coisas, como se o planeta fosse um grande ser vivo<sup>6</sup>. Se para Epicuro tudo é sólido e a fluidez é apenas uma aparência, para Zenão tudo é fluido e a solidez não passa de uma ilusão<sup>7</sup>. Ora, por que Sade reuniria em sua obra duas visões de mundo tão divergentes?

No século XVIII, a associação dessas duas tradições filosóficas torna-se um recurso recorrente da literatura clandestina para desconstruir as religiões, o deísmo e a imortalidade da alma, além de explicar a origem das sensações e do movimento nos animais (homem incluso)<sup>8</sup>. A hipótese de uma alma material, desenvolvida a partir do epicurismo e do estoicismo, fundamentava boa parte desse processo. De um lado, o intuito era refutar a existência de Deus como causa primeira do universo e comprovar a materialidade da alma, explicando todas as transformações dos corpos pelo movimento perpétuo dos átomos, ou seja, pela agregação e dissociação dessas partículas indestrutíveis. A alma seria uma porção de átomos que se agregam no nascimento e se dispersam na morte. A chamada transmigração ou metempsicose, uma reorganização da matéria sob diferentes formatos, consolidaria-se como a resposta materialista aos sistemas deístas e cristãos. De outro lado, o princípio ativo dos estoicos, chamado mais exatamente de *pneuma*, seria repensado nos anos setecentos como um efeito da eletricidade. Embora invisível e imponderável, a eletricidade podia ser produzida e constatada artificialmente por uma máquina eletrostática, mas também naturalmente por uma tempestade ou por fenômenos mais simples, como as interações entre nervos, músculos e metais, a exemplo das experiências de Luigi Galvani com rãs dissecadas e arcos de metal<sup>9</sup>. Aquilo que os setecentistas chamavam de *fluido elétrico* era capaz de se propagar misteriosamente por toda parte, no interior como no exterior dos organismos, explicando as sensações e o movimento nos animais.

Embora pareça difícil conceber uma alma que seja formada ao mesmo tempo por um fluxo de átomos impenetráveis que se chocam ao acaso e por uma substância plena que transita ordenadamente nas cavidades dos nervos<sup>10</sup>, é justamente essa concepção que encontramos nos discursos dos personagens de Sade. Em seus romances filosóficos, o marquês deixa claro que conhece as doutrinas dos fundadores do Jardim e do Pórtico, assim como as discussões veiculadas pela literatura clandestina e os avanços da física experimental. A intenção deste artigo é portanto mostrar, primeiro, como o romancista emprega os preceitos de Epicuro; segundo,

---

6 SCHUHL, “Préface”, p. XXI.

7 OGEREAU, *Essai sur le système philosophique des stoïciens*, p. 88.

8 Ver VARTANIAN, “Quelques réflexions sur le concept d’âme”, p. 149.

9 Ver PERA, *The ambiguous frog*.

10 Ver VARTANIAN, “Quelques réflexions sur le concept d’âme”, p. 149-150.

como ele se serve dos princípios de Zenão; para, por fim, esclarecer a fusão que ele empreende das duas doutrinas.

## A metempsicose materialista e o atomismo de Epicuro

No que concerne às influências de Epicuro, um bom exemplo da reelaboração empreendida pelo marquês é a refutação da imortalidade da alma professada pela abadessa Delbène na *História de Juliette* (1801). A superiora do convento *Panthemont* ensina à protagonista do romance que é preciso se conformar com o fato de que todos os seres nascem e morrem dentro da natureza: “nada perece no seio dessa mãe do gênero humano; os elementos que nos compõem logo se reunirão sob outras combinações”<sup>11</sup>. Tal processo ela chama de “transmigração gloriosa” (III, 222). “Transmigração”, porque não há destruição nem criação na natureza, mas apenas um transporte de porções de matéria de uma forma de vida para outra. “Gloriosa”, porque se trata de uma “doce” alternativa para o paraíso e o inferno dos deístas, ou melhor, de “um sistema evidente que tranquiliza”, ao contrário das “conjunturas improváveis [dos deístas] que desesperam” (III, 222).

A ideia de transmigração, cultuada pela doutrina da metempsicose, defende a espiritualidade e a imortalidade da alma. É Pitágoras quem toma conhecimento do dogma na Índia com os brâmanes e traz a doutrina para a Grécia nos seguintes termos<sup>12</sup>: existe um número preciso de almas, elas ficam presas no corpo por um certo tempo; quando o corpo morre, a alma é liberada e se dirige às regiões superiores, onde se purga; conforme sua natureza – se é boa, má ou detestável – ela retorna à sua origem ou volta a animar o corpo de um homem ou de um animal<sup>13</sup>. Delbène, evidentemente, não faz um uso espiritual da teoria, empregada por ela num sentido absolutamente materialista<sup>14</sup>: a transmigração é reinterpretada como “um reemprego das mesmas moléculas”<sup>15</sup>. A metempsicose torna-se “uma simples metamorfose ou transferência de matéria de um organismo a outro”<sup>16</sup>, um movimento contínuo no qual indivíduos e espécies “não cessam de transformar-se uns nos outros”<sup>17</sup>. Em suma, a alma é

---

11 SADE, *Œuvres*, t. III, p. 222. As referências aos três tomos das *Œuvres* de Sade (1990/1995/1998) serão doravante indicadas entre parênteses no corpo do texto pelo número do tomo e da página.

12 Sobre as origens da metempsicose, ver DIDEROT, “Opinions des anciens philosophes”, p. 34-35 (verbete *Brachmanes*) e SINNER, *Essai sur les dogmes de la métempsycose et du purgatoire*, p. 111.

13 Ver DIDEROT, “Opinions des anciens philosophes”, p. 679 (verbete *Pythagorisme*).

14 Ver DELON, nota 2 (III, 222).

15 DELON, “L’Obsession de la métempsycose”, p. 74.

16 DELON, “L’Obsession de la métempsycose”, p. 74.

17 DELON, “L’Obsession de la métempsycose”, p. 74.

entendida como uma porção de matéria passível de ser consecutivamente recombinaada. “Mas o que eu me tornarei [...]? Essa obscuridade me assusta” (III, 222), confessa Juliette. Após a morte, esclarece a preceptora, o ser se transforma nas mesmas “porções plenas de matéria não organizada” (III, 222) que existiam antes de seu nascimento: um ser aparentemente inerte, sem movimento e sem forma. Apesar desse aparente repouso, as moléculas continuam ativas e estão sempre prontas a se reorganizarem, produzindo novos seres conforme a determinação das leis naturais (III, 222).

Essa concepção materialista da metempsicose é construída com base no atomismo de Epicuro, provavelmente a partir da interpretação de Lucrécio, cuja obra Sade conhecia bem<sup>18</sup>. A “transmigração gloriosa” de Delbène nada mais é senão o movimento perpétuo dos átomos. Em *A Natureza das coisas*, Lucrécio considera “evidente que nenhum repouso é acordado aos corpos primeiros”<sup>19</sup>. Lançados no espaço vazio, os átomos “são agitados de um movimento contínuo e variado”<sup>20</sup>, “cego e espontâneo”<sup>21</sup>. Graças a uma inclinação mínima que ocorre ao acaso no movimento retilíneo<sup>22</sup>, o chamado *clinamen*, alguns átomos “se chocam e ricocheteiam, fazendo grandes desvios; já outros não são repelidos para tão longe”<sup>23</sup>. Dessa maneira aleatória, eles se agregam ou se separam, causando toda produção e destruição existentes na natureza. Cada corpo sobrevive até o momento em que encontra uma força cujo choque destrói a união de seus elementos. Os átomos liberados pela dissolução de um corpo vão em seguida compor outro, de modo que o universo se renove incessantemente<sup>24</sup>.

Outro exemplo da reelaboração da física epicurista feita por Sade é o discurso de Bressac em *A Nova Justine* (1799). O libertino também professa uma refutação da imortalidade da alma (II, 936), porém ligeiramente diferente da de Delbène. Para Bressac, a matéria é a “causa produtora do homem” (II, 938) e de todos os outros animais. Se existe uma superioridade entre as diferentes espécies, ela só pode ser “nas modificações ou nas formas”. Há, pois, um “plano de diversidade gradual” nos seres vivos de modo que “a essência [seja] por toda parte a mesma” (II, 938). As diferenças entre as qualidades do homem e as de outros animais se devem unicamente à “organização” (II, 939) de cada um, determinada por um movimento mais ou menos intenso da matéria. Cabe frisar que, para Bressac, o movimento

---

18 Ver carta de Sade entre junho e julho de 1783, na qual ele diz ter recebido a obra em Vincennes, *50 lettres du marquis de Sade à sa femme*, p. 174. Ver também WARMAN, “Modèles violents et sensations fortes dans la genèse de l'œuvre de Sade”, p. 232 e nota 4.

19 LUCRÉCIO, “La Nature des choses”, p. 312.

20 LUCRÉCIO, “La Nature des choses”, p. 312.

21 GIOVACCHINI, “Vocabulaire de l'épicurisme”, p. 1432 (verbete *Cause*).

22 Ver GIOVACCHINI, “Vocabulaire de l'épicurisme”, p. 1444 (verbete *Mouvement*).

23 LUCRÉCIO, “La Nature des choses”, p. 312.

24 Ver ATANASSIÉVITCH, *L'Atomisme d'Épicure*, p. 20-21 e p. 61

da matéria não tem nenhuma causa. O próprio Sade explica numa nota que a matéria “guarda nela mesma o princípio de sua força motriz; [...] é esse movimento perpétuo [...] que representa o papel de agente” (II, 939). Desse modo, o conceito de alma – seja material, seja espiritual – é absolutamente desnecessário para mover uma massa de matéria. “É por meio de uma sequência de movimentos”, continua Bressac, “que esse cadáver vai se dissolver... engendrar ao mesmo tempo outros corpos que também não terão almas” (II, 946). Uma segunda nota de Sade precisa, por fim, a noção de metempsicose materialista: “Assim que um corpo parece ter perdido o movimento, [...] ele tende [...] à dissolução: ora, a dissolução é um grande estado de movimento. Não existe, portanto, instante algum no qual o corpo do animal esteja em repouso [...]. Os corpos se transmutam... se metamorfoseiam; mas eles não ficam jamais em estado de inércia” (II, 946).

A nota de Sade evoca um comentário de Michel Delon (II, 946, nota 3): para os médicos da Ilustração, a morte do organismo não engendra imediatamente a morte das partículas que o compõem. Delon ilustra sua observação com o verbete “Economia animal” da *Encyclopédie*, segundo o qual “o corpo humano é uma máquina [...], cujos primeiros elementos, comuns às plantas e aos animais, são *átomos vivos*, ou *moléculas orgânicas*”. Ménuret de Chambaud, o autor do verbete, constata uma propriedade singular antes do início da vida ou logo depois da morte: “a fonte do movimento e do sentimento [está] ligada à natureza *orgânica* dos princípios que compõem os corpos”<sup>25</sup>. Esse elemento vitalista do atomismo setecentista remonta talvez à reformulação que Lucrecio faz do próprio Epicurismo. Ao traduzir o termo grego “átomo” (elemento primeiro e indivisível) pela expressão latina “rerum primordia” (elementos primeiros das coisas) ou ainda pelo termo “semen” (semente), Lucrecio acrescenta algo da ordem da metáfora que funciona como “uma razão biológica do nascimento”<sup>26</sup>. Por exemplo, para explicar por que nada se cria do nada, o discípulo de Epicuro sustenta que “todas as coisas são feitas de sementes eternas, / até que uma força surja e de um golpe as disperse / ou nelas penetre pelos espaços vazios e as desagregue / jamais a natureza permite que vejamos o fim”<sup>27</sup>. “Então nada daquilo que parece morrer morre completamente, / já que a natureza refaz uma coisa a partir de outra / e que ela não deixa nascer coisa alguma sem que a morte de outra a ajude”<sup>28</sup>. Embora seja possível conceber um átomo imóvel, tal fenômeno não ocorre na natureza. Logo, o movimento é uma propriedade inerente aos elementos primeiros das coisas<sup>29</sup>. Ou seja, há uma “automotricidade”<sup>30</sup> na matéria.

---

25 DIDEROT; D’ALEMBERT, *Encyclopédie*, t. 11, p. 361 (verbeta *Economie animale*, autor Ménuret de Chambaud).

26 Ver PIGEAUD, “Notice de *La Nature des choses*”, p. 1188-1189.

27 LUCRÉCIO, “*La Nature des choses*”, p. 278.

28 LUCRÉCIO, “*La Nature des choses*”, p. 280.

29 Ver GIOVACCHINI, “Vocabulaire de l’épicurisme”, p. 1444 (verbeta *Mouvement*).

30 Ver DELON, *L’idée d’énergie*, p. 157-161.

É claro que a ideia de semente em Lucrecio, embora siga uma direção vitalista, ainda não consiste numa forma intermediária entre os átomos e seus compostos responsável pela geração da vida, tal qual o conceito de molécula elaborado posteriormente por Pierre Gassendi. As sementes, para Lucrecio, representam os diversos átomos que constituem cada uma das espécies. A molécula, para Gassendi, consiste no agrupamento mínimo de átomos capaz de gerar a vida. Átomos seriam então matéria primeira, moléculas, matéria segunda<sup>31</sup>.

### O fluido elétrico e o *pneuma* dos Estoicos

Se a ideia da metempsicose em Sade como uma retomada do epicurismo parece agora bastante evidente, a noção de alma tornou-se obscura. Com efeito, Bressac refuta essa concepção tanto do ponto de vista espiritual quanto material, frisando que um princípio ativo é absolutamente desnecessário ao movimento. Mas e Delbène? Diferentemente do discurso de Bressac, o discurso da abadessa não termina na defesa da “transmigração gloriosa”. A libertina continua seu raciocínio, dizendo que “a alma, ou, se preferirmos, esse princípio ativo... vivificante, que nos anima, nos move, que nos determina, não é outra coisa senão matéria sutilizada a um certo ponto, meio pelo qual ela adquiriu as faculdades que nos surpreendem” (III, 223). Para a libertina, a matéria, sutilizada ou modificada de alguma maneira, seria capaz de produzir o pensamento (III, 223). Alma e corpo formariam “um mesmo todo, composto por partes iguais [...], mas no qual [...] as partes grosseiras devem ser submetidas às partes sutis” (III, 224). Para ilustrar e concluir seu raciocínio, ela dá o exemplo de uma vela, salientando o império da chama sobre a cera. Tanto a chama quanto a cera são matéria, mas a porção de matéria “mais sutil domina a mais grosseira” (III, 224). Ora, a devassa parece acrescentar à argumentação um dado estranho ao atomismo, um certo princípio ativo. O que seria então essa *matéria sutilizada* e como ela se relaciona com a tal *matéria grosseira* e com o movimento perpétuo dos átomos?

Na *Encyclopédia*, d'Alembert qualifica a expressão “matéria sutil” como um termo cartesiano. Trata-se de uma substância tão fina que é capaz de atravessar e penetrar livremente os poros de todos os corpos, de modo a não deixar nenhum espaço vazio entre eles<sup>32</sup>. Descartes define esse primeiro elemento da matéria “como o licor mais sutil e mais penetrante que existe no Mundo”<sup>33</sup>. Segundo o filósofo, “suas partes se agitam tão rapidamente e são tão pequenas que não há outros corpos capazes de pará-las e, além disso, elas não exigem

---

31 Ver KANY-TURPIN, “Atomisme et molécules dans les *Animadversiones* de Gassendi”, p. 65-66.

32 Ver *Encyclopédie*, t. 10, p. 191 (verbete *Matiere Subtile*, autor d'Alembert).

33 DESCARTES, *Le monde*, p. 50.

nenhuma grossura, nem figura, nem situações determinadas”<sup>34</sup>. Ou seja, suas partes não admitem espaços vazios. Por exemplo, um *fluido*, continua d'Alembert, consiste num corpo cujas partes se separam umas das outras tão delicadamente que o homem não consegue ver o processo. É o caso da água, do óleo, do vinho e também do ar<sup>35</sup>. Já os fluidos *sutis* entram numa categoria especial: embora extremamente móveis, não possuem massa. São, portanto, imponderáveis: invisíveis e sem peso, suas propriedades físicas só podem ser constatadas pelos efeitos que produzem. Tal é o caso da eletricidade, do calor, da luz, do magnetismo, da gravidade e do *fluido nervoso*, mais conhecido pelo termo *espíritos animais*<sup>36</sup>. Esse último termo, embora tenha sido criado pelo médico grego Galeno de Pérgamo no século II<sup>37</sup>, foi igualmente difundido por Descartes: circulando dentro das cavidades dos nervos, os *espíritos animais* interligam músculos e cérebro a fim de transmitir o movimento e as sensações<sup>38</sup>. Para muitos materialistas, tal fluido sutil seria a única forma aceitável de alma.

Graças à disseminação dos escritos de Newton e às experiências elétricas de físicos como Benjamin Franklin, o abade Pierre Bertholon e Luigi Galvani, entre outros, o fluido nervoso passa a ser assimilado à eletricidade, dando origem à eletrobiologia<sup>39</sup>. O abade Bertholon, aliás, foi quem inaugurou o termo “eletricidade animal” antes do fenômeno se tornar célebre sob o nome de “galvanismo”<sup>40</sup>, devido às experiências de Galvani. Conforme seu *Da eletricidade do corpo humano no estado de saúde e de doença* (1780), a substância que circula nos nervos é evidentemente mista: trata-se de um composto de *fluido elétrico* e de *fluido nervoso*<sup>41</sup>. Para Bertholon, o corpo do homem e dos animais possui partes elétricas por natureza. Os movimentos dos átomos nos órgãos durante a circulação do sangue, a respiração, a digestão, etc. provocam diversos gêneros de atrito entre as partículas, excitando assim a eletricidade<sup>42</sup>. Apesar de a eletricidade ser qualificada nesse caso de animal, Bertholon sublinha que a eletricidade natural (da terra, da atmosfera, dos seres vivos) e a eletricidade artificial (criada pela máquina eletrostática) dependem de um único fluido sutil. Como a eletricidade natural é capaz de produzir os mesmos efeitos e a mesma influência que a artificial, podemos considerá-las idênticas<sup>43</sup>.

---

34 DESCARTES, *Le monde*, p. 55-56.

35 Ver *Encyclopédie*, t. 6, p. 881 (verbete *Fluide*, autor d'Alembert).

36 Ver HANKINS, *Science and the Enlightenment*, p. 50-51.

37 Ver CANGUILHEM, *La formation du concept de réflexe*, p. 18 e Deprun, nota 3 (III, 67).

38 Ver DESCARTES, *L'Homme*, p. 9-11 e p. 27-28.

39 Ver PERA, *The ambiguous frog*, p. 55-57 e Home, “Electricity and Nervous Fluid”, p. 235-251.

40 Ver POIRIER, *L'abbé Bertholon*, p. 6.

41 Ver BERTHOLON, *De l'Électricité du corps humain*, t. I, p. 149.

42 BERTHOLON, *De l'Électricité du corps humain*, t. I, p. 143-145.

43 BERTHOLON, *De l'Électricité du corps humain*, t. I, p. 55-56.

Ora, no início das lições a Juliette, Delbène observa que o princípio da vida reside justamente no *fluido elétrico* (III, 194). Numa nota de Sade em *Aline e Valcour* (1795), o próprio romancista explica melhor essa questão, “corrigindo”, por assim dizer, o atomismo de Lucrecio a partir do acréscimo dessa substância plena:

Chama-se espíritos animais esse fluido elétrico que circula na cavidade dos nossos nervos; não existe sensação que não nasça da agitação causada nesse fluido; ele é a sede da dor e do prazer; trata-se, numa palavra, da única alma admitida pelos filósofos modernos. Lucrecio, cujos princípios giravam em torno dessa verdade sem conseguir apreendê-la, teria raciocinado melhor se conhecesse esse fluido (I, 575).

Nesta passagem, Sade parece identificar a “força” que dispersa ou desagrega as sementes da matéria evocada por Lucrecio<sup>44</sup> ao fluido elétrico, como se este último fosse um agente capaz de modelar e dar vida à matéria morta.

A correção de Lucrecio na nota de *Aline et Valcour* é adaptada no discurso de Braschi, o papa Pio VI da *História de Juliette*. O pontífice faz a mais longa dissertação sobre a metempsicose materialista, empregando os preceitos de Epicuro como argumentos para justificar e glorificar o assassinato. Primeiro, o papa afirma que o princípio da vida em todos os seres é o mesmo da morte e que o instante que chamamos de morte é, na verdade, puramente imaginário. Depois, ele alega que “a matéria, privada dessa outra porção sutil de matéria que lhe comunicava o movimento, não se destrói por causa disso, mas apenas muda de forma. [...] Assim, essa matéria morta torna-se, na sua nova matriz, o germe das partículas de matéria etérea, que, sem ela [a matéria morta], ficariam na sua aparente inércia” (III, 874). Se para Bressac o movimento é uma propriedade intrínseca da matéria e a noção de alma, absolutamente inútil, para Delbène e Braschi, o movimento se dá através de um fluido elétrico ou, de forma mais geral, por meio de uma matéria etérea. Tais referências ao fluido elétrico e à matéria sutil nos discursos da abadessa e do pontífice trazem à argumentação dos libertinos uma tradição filosófica diferente do atomismo, cuja origem remonta ao conceito de *pneuma* dos estoicos – a primeira versão de um éter cujas funções são similares àquelas a ele atribuídas no século XVII, principalmente por Newton<sup>45</sup>.

---

44 LUCRÉCIO, “La Nature des choses”, p. 278.

45 Ver SAMBURSKY, *Physics of the Stoics*, p. 4 e *The Physical world of the Greeks*, p. 137.

O termo *pneuma* deriva do verbo soprar e significa sopro vital, ar respirado ou ar em movimento, tendo sido traduzido em latim pela palavra *spiritus*<sup>46</sup>. De modo geral, trata-se de uma substância ativa no cosmo, que une intrinsecamente as partes do mundo, transformando-o num todo vivo e dinâmico. Mais precisamente, consiste numa mistura de ar e de fogo capaz de manter as características ativas de ambos os elementos: o calor do fogo engendra processos térmicos e, por conseguinte, fenômenos biológicos; a elasticidade do ar, por sua vez, permite a expansão e a compressão<sup>47</sup>. Na matéria inorgânica, o *pneuma* funciona como uma força de coesão (*hexis*); nas plantas, como uma força vegetativa (*physis*); e, nos animais, como a alma (*psychê*). A diferença entre o reino animal e o vegetal é que, neste, o *pneuma* é mais úmido e frio, naquele, mais seco e quente<sup>48</sup>. Em todo caso, o *pneuma* não apenas preenche o universo integralmente, expandindo-se nos espaços vazios, como também penetra em todos os corpos, comprimindo-se. A força de coesão ou a tensão (*tonos*) é sua característica mais básica, da qual deriva a capacidade de dar formas à matéria<sup>49</sup>.

Zenão identifica o *pneuma* ao fogo “artista”<sup>50</sup> e este à própria natureza. Ao invés de se auto-consumir como o fogo grosseiro ordinário, o fogo “artista” é uma substância extremamente sutil, cuja natureza é a mesma do sol e a de todos os corpos celestes, funcionando como um princípio de crescimento e de sensação<sup>51</sup>. A natureza, identificada a esse fogo sutil, ganha igualmente o nome de “artista” ou “artesã” por ser uma força que dirige o conjunto dos corpos, isto é, dá formas, modela e transforma a matéria<sup>52</sup>. Podemos então entender a concepção de Zenão sintetizando esses três termos (fogo artista, natureza e *pneuma*) numa única ideia: a de princípio ativo. Sendo, portanto, uma força ativa material e onipresente, o *pneuma* anima, ordena e une o mundo, como se este fosse um imenso ser vivo. Uma parcela dessa alma do mundo forma a alma do homem, dando origem às funções biológicas, circulando com o sangue no interior de veias e artérias, penetrando desse modo em todos os recantos do organismo<sup>53</sup>.

---

46 Ver VERBEKE, L'Évolution de la doctrine du “pneuma”, p. 1-2, nota 1 e TOULMIN; GOODFIELD, *The architecture of matter*, p. 101.

47 SAMBURSKY, *The Physical world of the Greeks*, p. 132-133.

48 Ver SCHUHL, “Préface”, p. XIX-XX.

49 Ver SAMBURSKY, *The Physical world of the Greeks*, p. 134-136.

50 Sobre a identificação que Zenão faz entre *pneuma*, fogo artista e natureza, ver VERBEKE, L'Évolution de la doctrine du “pneuma”, p. 21-23 e ROMEYER-DHERBEY, “Un feu artiste qui chemine...”, p. 28 e p. 36.

51 VERBEKE, L'Évolution de la doctrine du “pneuma”, p. 21-23.

52 ROMEYER-DHERBEY, “Un feu artiste qui chemine...”, p. 29.

53 Ver MOREAU, *L'Âme du monde de Platon aux Stoïciens*, p. 166, p. 182 e p. 184.

## A fusão das teorias de Epicuro e de Zenão

Mas como afinal as teorias de Epicuro e de Zenão são mescladas numa mesma concepção de alma material? Esse processo, evidentemente, não é original de Sade. Quem parece ter feito tal união de maneira mais elaborada é Newton. Nos seus estudos sobre alquimia, o cientista inglês trata da transmutação da matéria e se interessa por uma questão que, a princípio, não tem uma explicação evidente: se todas as partículas passivas elementares de matéria são iguais, como é possível que, mediante unicamente o impacto mecânico, elas se organizem para formar agregados que possuem vida e se desorganizem quando a vida é extinta<sup>54</sup>? Para resolver esse impasse, o cientista defende no seu tratado de alquimia, *Sobre leis óbvias da natureza e processos em vegetação*<sup>55</sup> (1672), a existência de um agente vital capaz de penetrar em todas as coisas<sup>56</sup>. O universo, entendido como um grande animal, estaria preenchido por um “espírito vegetal”, um “fogo secreto”, que seria o “único fermento e princípio de toda a vegetação”. Esta última deve ser entendida aqui como a ação pela qual os seres ganham vida e se desenvolvem e não como reino vegetal<sup>57</sup>. Newton conclui que é o agente vital que dá coesão às partículas, ordenando-as num agregado vivo. Na morte, esse agente quebra as porções de matéria pelo processo da putrefação de modo que as partículas entrem numa condição caótica e sem forma. Em seguida, ele executa a organização de um novo agregado<sup>58</sup>.

O procedimento descrito por Newton consiste claramente no preenchimento do vazio dos atomistas com o *pneuma* dos estoicos de modo a dar coesão aos átomos<sup>59</sup>, como se o éter fosse a “alma material”<sup>60</sup> dos corpos. Sabemos que, por um lado, um primeiro pressuposto alia o físico inglês ao epicurismo<sup>61</sup>: para ele, as partículas da matéria são móveis, sólidas, impenetráveis e indestrutíveis; as mudanças na natureza se devem unicamente às separações, às novas associações e ao movimento dessas partículas. Por outro lado, como os estoicos, Newton julgava a coesão das formas vivas incompatível com o movimento mecânico e aleatório dos átomos. A fim de explicar a coesão entre os átomos, ele incorpora uma “força tensional”<sup>62</sup> ao

---

54 Ver DOBBS, *The Janus faces of genius*, p. 24.

55 NEWTON, *Of natures obvious laws & processes in vegetation*, p. 256-270.

56 DOBBS, *The Janus faces of genius*, p. 29.

57 DOBBS, *The Janus faces of genius*, p. 32 e p. 26.

58 DOBBS, *The Janus faces of genius*, p. 25.

59 DOBBS, “Stoic and Epicurean doctrines in Newton's system of the world”, p. 238.

60 DOBBS, *The Janus faces of genius*, p. 32.

61 Ver DOBBS, “Stoic and Epicurean doctrines in Newton's system of the world”, p. 221.

62 O termo empregado por Dobbs é “tensional force”, cujo sentido mais preciso seria uma “força de coesão/de atração” entre os átomos. Ver “Stoic and Epicurean doctrines in Newton's system of the world”, p. 237.

seu sistema<sup>63</sup>. E o *pneuma* se impõe como a melhor solução para o problema do físico inglês. Pois o fluido dos estoicos era justamente um meio etéreo “cuja tensão e atividade moldava o cosmos num todo vivo bem como as várias partes do animal cósmico em corpos coerentes”<sup>64</sup>. Assim, Newton reelabora o epicurismo, adicionando aos átomos o princípio ativo do estoicos<sup>65</sup>.

Mas a tradição de misturar as duas doutrinas parece ter início, na verdade, na *Cidade do sol* (1602) de Tommaso Campanella, sendo diretamente retomada em *Estados e Impérios da lua* (1650) e *Estados e Impérios do sol* (1655) de Cyrano de Bergerac<sup>66</sup>. Com isso, a partir de Campanella, a física epicurista e a estoica serão repensadas em conjunto ao longo do século XVII por autores como Pierre Gassendi, Thomas Willis, Guillaume Lamy, entre outros. No século XVIII, tais princípios são disseminados pela literatura clandestina, como no *Tratado dos três impostores*<sup>67</sup>, através da seguinte ideia: “a alma das plantas, dos animais e dos homens é uma substância material, mas inteligente, composta de partículas muito móveis e de natureza ígnea, vinda do sol e retornando, após a morte, à alma universal”<sup>68</sup>. John Stephenson Spink esclarece que tal doutrina é atribuída erroneamente a Espinosa e conhece sua fortuna no século XVIII sob o nome de “espinosismo”. Trata-se, na realidade, de um “falso espinosismo”, de “um pampsiquismo materialista” elaborado com “ideias que circulavam no mesmo ambiente filosófico” da *Ética* de Espinosa, “mas de modo algum tiradas” dessa obra. O estudioso ainda precisa que tais ideias tinham origem no “panteísmo estoicista”, na “metempsicose pitagórica” e no “atomismo epicurista”<sup>69</sup>. Quer dizer, elas tinham origem no panteísmo estoicista e na metempsicose pitagórica reformulada por meio do atomismo de Epicuro.

Sade, que possuía em sua biblioteca textos célebres do gênero – o *Tratado dos três impostores*, por exemplo – participou ativamente desse movimento, o que pode ser comprovado pelos discursos de Delbène e Braschi. Mas a heroína sadiana que melhor representa essa tradição é, sem sombra de dúvida, a feiticeira Durand da *História de Juliette*. Tal qual Delbène, a bruxa refuta a existência de uma alma espiritual, atestando a materialidade da mesma:

---

63 DOBBS, “Stoic and Epicurean doctrines in Newton's system of the world”, p. 222-223 e *The Janus faces of genius*, p. 20 e p. 27.

64 DOBBS, “Stoic and Epicurean doctrines in Newton's system of the world”, p. 224.

65 DOBBS, “Stoic and Epicurean doctrines in Newton's system of the world”, p. 225.

66 Ver SPINK, “Libertinage et ‘Spinozisme’”, p. 219-220.

67 Trata-se de um panfleto anônimo, composto por vários empréstimos de diversas fontes, redigido entre os séculos XVII e XVIII até 1768, data da sua forma definitiva. Ver CHARLES-DAUBERT, “*Le Traité des trois imposteurs*” et “*L'Esprit de Spinoza*”, p. 2-4.

68 SPINK, “Libertinage et ‘Spinozisme’”, p. 218.

69 SPINK, “Libertinage et ‘Spinozisme’”, p. 218 e nota 1.

Tão materialista sobre o sistema da alma quanto o da divindade, eu confesso que, após ler com atenção todos os devaneios dos filósofos sobre essa questão, eu me convenci de que a alma do homem, absolutamente semelhante a de todos os animais, mas de outra maneira nele modificada por causa da diferença de seus órgãos, não é outra coisa senão uma porção desse fluido etéreo, dessa matéria infinitamente sutil, cuja a fonte se encontra no sol. Essa alma, que vejo como a alma geral do mundo, é o fogo mais puro que existe no universo (III, 666).

Com isso, Durand evoca a alma do mundo dos estoicos, mas numa noção já reformulada pela tradição inaugurada por Campanella, que acrescenta à mistura a teoria heliocêntrica de Copérnico<sup>70</sup>. Daí a fonte do fluido etéreo ser o sol. De todos os estoicos, somente Cleanto via o sol como o local de concentração do fogo artista. Para Zenão e seus outros discípulos, a fonte ficava nas zonas elevadas<sup>71</sup>. Após desenvolver indiretamente a noção de alma material como um *pneuma*, Durand identifica a alma aos *espíritos animais* e à eletricidade, atualizando toda a teoria. Ela explica que o fogo sutil “não queima por si mesmo, mas se introduzindo na concavidade dos nossos nervos, onde é a sua residência habitual, imprime um tal movimento na máquina animal que a torna capaz de todos os sentimentos e de todas as combinações; trata-se de um dos efeitos da eletricidade cuja análise ainda não nos é suficientemente conhecida” (III, 666). Até esse ponto, as influências de Sade parecem puramente vindas da doutrina do Pórtico. Mas, por fim, Durand evoca a metempsicose materialista: “na morte do homem, como na dos animais, esse fogo se exala e se reúne à massa universal da mesma matéria sempre existente, sempre em ação; o resto do corpo se putrifica e se reorganiza sob diferentes formas que animarão outras porções de fogo celeste” (III, 666).

Embora o *pneuma* dos estoicos tenha uma natureza corpórea plena que lembra uma força ou um campo de força contínuo<sup>72</sup>, o éter da tradição do falso espinosismo é paradoxalmente composto de partículas. Mesmo Newton, que poderia atribuir a seu éter a ideia de campo de força, indicou indiretamente que a substância seria composta de partículas extremamente sutis<sup>73</sup>. No caso do discurso de Durand, como a libertina não desenvolve o tema corpuscular, seu “fogo mais puro” poderia ser entendido como uma força tensional das partículas, que se dissociam e se desorganizam na morte. Com o processo de putrefação, elas encontram mais cedo ou mais tarde uma nova organização num novo corpo, cuja coesão se dará graças a outra porção de “fluido etéreo”. Não obstante, se colocarmos a dissertação da feiticeira no contexto do romance,

---

70 Ver SPINK, “Libertinage et ‘Spinozisme’”, p. 218-220.

71 Ver OGEREAU, *Essai sur le système philosophique des stoïciens*, p. 112.

72 A analogia entre o pneuma e o campo de força é estabelecida por SAMBURSKY, *Physics of the Stoics*, p. 35-36.

73 Ver TOULMIN; GOODFIELD, *The architecture of matter*, p. 196-197.

é preciso admitir a natureza corpuscular desse fluido. Isso porque, em diversas passagens da narrativa, o fluido elétrico que circula tanto no interior dos nervos quanto no universo é composto por “glóbulos” (III, 548), “partículas” (III, 751) ou “átomos” (III, 412-413).

Por certo, parece estranho pensar numa substância plena composta de átomos sutis. É preciso ter em conta, porém, que a alma em Epicuro é formada por partículas tão infinitamente sutis e ativas que pressupõe um gênero de mistura (*mixis*) similar àquela do *pneuma* dos estoicos. A composição da alma na escola do Jardim não é, portanto, “descrita em termos de disposição ou justaposição” — como os outros compostos da natureza — “mas sim de mistura”. A união dos átomos sutis que compõem alma é tão estreita que é como se essa “simpatia entre as partes”<sup>74</sup> constituísse uma substância plena. O paradoxo, se ele existe então, é menos de Sade e mais do próprio Epicuro, já que se encontra no interior do sistema epicurista. Assim como a matéria sutil domina a matéria grosseira para Delbène, Lucrécio explica que a alma “é como o chefe, e exerce o poder sobre o corpo inteiro”<sup>75</sup>. Epicuro, tal qual seu inimigo, parece acreditar num gênero de princípio ativo, numa matéria sutil que anima a matéria grosseira. No limite, talvez epicurismo e estoicismo não sejam assim tão incompatíveis.

De qualquer modo, resta ainda dois problemas. Se o fluido elétrico é uma substância composta por átomos tão sutis e concentrados que formam uma substância plena, como se dá o choque que engendra a sensação máxima de existência tão necessária ao libertino? Uma possível resposta é que o choque não ocorre entre partículas elétricas de um mesmo fluido, mas sim entre as partículas emanadas dos objetos externos e as do fluido eletroneural do devasso. No caso do prazer, os glóbulos dos objetos externos se atrelam aos átomos do fluido eletroneural como se ambos tivessem a mesma carga, engendrando um tipo de afinidade. No caso da dor, os glóbulos do fluido repelem as partículas emanadas dos objetos externos, como se houvesse uma oposição de cargas<sup>76</sup>. O segundo problema é a automotricidade da matéria. Bressac, Delbène, Braschi e Durand defendem tal pressuposto, mas o libertino da *Nova Justine* rejeita a necessidade de um princípio ativo, enquanto os devassos da *História de Juliette* sustentam a existência de uma matéria vivificante. É verdade que nada obriga Sade a dar coerência entre discursos de heróis diferentes, sobretudo quando eles não estão no mesmo romance. Mas vale sublinhar que a existência de um fluido elétrico não se opõe ao autodinamismo da matéria. Muito pelo contrário. Se em tudo há uma certa porção de átomos elétricos, do pedaço de metal até o homem, toda porção matéria grosseira possui intrinsecamente em si uma porção de matéria sutil que lhe confere o movimento.

---

74 Sobre os átomos da alma em Epicuro, ver GIOVACCHINI, “Vocabulaire de l'épicurisme”, p. 1436 (verboete *Corps et Âme*).

75 LUCRÉCIO, “La Nature des choses”, p. 355.

76 Sobre o atrelamento dos átomos na sensação de prazer e o choque na sensação de dor, ver a dissertação metafísica sobre a dor de Noirceuil (III, 412-13).

É claro que esses três problemas (o éter corpuscular, o choque elétrico e a automotricidade da matéria) são complexos demais para serem solucionados de modo eficaz no curto espaço de um artigo. Nossa intenção está longe disso e se restringe a discernir as influências antigas de Sade, mostrando como o romancista transpassa os limites entre as teorias de Epicuro e de Zenão. Resolver os entraves suscitados por essa transgressão vai além dos nossos objetivos. Lançamos, porém, algumas hipóteses. Quem sabe, mais cedo ou mais tarde, elas não transmutam em algo mais sólido.

### SADE BETWEEN EPICURUS AND ZENO

Abstract: In Sade's novels, we find references to two philosophical currents not only distinct but apparently incompatible. On one side, there's the electric fluid, substance whose origin dates back to the *pneuma* of Zeno the Stoic. On the other side, there's the materialistic metempsychosis that recaptures Epicurus' atomism. The eighteenth century was marked by experiments with electricity, presented then as an invisible fluid, capable of spreading everywhere, either in living or inert matter. In human beings, such fluid circulates inside the nerves, so as to connect brain and muscles to produce sensation and movement. At the same time, the principles transmitted by Lucretius disseminate among clandestine literature to refute god's existence as the first cause of the universe and attest the materiality of the soul, explaining all body transformations through the perpetual motion of atoms. Transmigration or metempsychosis, in its materialistic sense, would be a reorganisation of matter under different formats. This paper intends to examine how Sade transgresses the boundaries between Epicurus and Zeno in his characters' discourse.

Keywords: Sade – Epicurus – Zeno – atoms – *pneuma*.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATANASSIÉVITCH, Xénia. *L'Atomisme d'Épicure*. Paris: Presses Universitaires de France, 1927.

BERTHOLON, Pierre. *De l'Électricité du corps humain dans l'état de santé et de maladie*. T. I. Paris: Croulbois, 1786.

BRUN, Jean. *Le stoïcisme*. Paris: PUF, 2003.

CANGUILHEM, Georges. *La formation du concept de réflexe aux XVIIe et XVIIIe siècles*. Paris: Vrin, 1977.

CHARLES-DAUBERT, Françoise. *“Le Traité des trois imposteurs” et “L'Esprit de Spinoza”*: philosophie clandestine entre 1678 et 1768. Oxford: Voltaire Foundation, 1999.

DELON, Michel. *L'idée d'énergie au tournant des Lumières: 1770-1820*. Paris: Presses Universitaires de France, 1988.

\_\_\_\_\_. "L'Obsession de la métempsycose à la fin du XVIIIe siècle". In: GALLINGANI, Daniela (Org.). *Presenza di Cagliostro : atti del Convegno Internazionale Presenza di Cagliostro*. Florence: Centro Editoriale Toscano, 1994.

DESCARTES, René. *Le monde de Mr Descartes, ou Le traité de la lumière et des autres principaux objets des sens*. Paris: T. Girard, 1664.

\_\_\_\_\_. *L'Homme de René Descartes, et La formation du fœtus; ou Traité de la lumière du mesme auteur*. Paris: F. Girard, 1677.

DIDEROT, Denis. *Opinions des anciens philosophes. Synonymes*. In: \_\_\_\_\_. *Œuvres complètes*. T. 14. Paris: Le Club Français du Livre, 1972.

\_\_\_\_\_; D'ALEMBERT, Jean Le Rond (Ed.). *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*. Paris: Briasson, 1751-1780.

DOBBS, Betty Jo Teeter. "Stoic and Epicurean doctrines in Newton's system of the world". In: OSLER, Margaret J. (Org.). *Atoms, pneuma, and tranquillity: epicurean and stoic themes in European thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

\_\_\_\_\_. *The Janus faces of genius: the role of alchemy in Newton's thought*. Cambridge: University Press, 1991.

GIOVACCHINI, Julie. "Vocabulaire de l'épicurisme". In: DELATTRE, Daniel; PIGEAUD, Jackie (Org.). *Les Épicuriens*. Paris: Gallimard, col. "Bibliothèque de la Pléiade", 2010.

HANKINS, Thomas L. *Science and the Enlightenment*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

HOME, Roderick Weir. "Electricity and Nervous Fluid". In: \_\_\_\_\_. *Electricity and experimental physics in eighteenth-century Europe*. Aldershot: Variorum, 1992.

KANY-TURPIN, José. "Atomisme et molécules dans les *Animadversiones* de Gassendi". In: SALEM, Jean (Org.). *L'atomisme aux XVIIe et XVIIIe siècles*. Paris: Publications de la Sorbonne, 1999.

LAÉRCIO, Diógenes. “Vies et opinions des philosophes”. Livro VII. In: SCHUHL, Pierre-Maxime (Org.). *Les Stoïciens*. Trad. Émile Bréhier. Paris: Gallimard, col. “Bibliothèque de la Pléiade”, 1962.

LUCRÉCIO. “La Nature des choses”. In: DELATTRE, Daniel; PIGEAUD, Jackie (Org.). *Les Épicuriens*. Paris: Gallimard, col. “Bibliothèque de la Pléiade”, 2010.

MOREAU, Joseph. *L'Âme du monde de Platon aux Stoïciens*. Paris: Les Belles Lettres, 1939.

NEWTON, Issac. “Of nature's obvious laws & processes in vegetation”. In: DOBBS, Betty Jo Teeter. *The Janus faces of genius: the role of alchemy in Newton's thought*. Cambridge: University Press, 1991.

OGEREAU, F. *Essai sur le système philosophique des stoïciens*. Versannes: Encre Marine, 2002.

PERA, Marcello. *The ambiguous frog. The Galvani-Volta Controversy on Animal Electricity*. Trad. Jonathan Mandelbaum. Princeton: Princeton University Press, 1992.

PIGEAUD, Jackie. “Introduction”. In: \_\_\_\_\_; DELATTRE, Daniel (Org.). *Les Épicuriens*. Paris: Gallimard, col. “Bibliothèque de la Pléiade”, 2010.

\_\_\_\_\_. “Notice de *La Nature des choses*”. In: \_\_\_\_\_; DELATTRE, Daniel (org.). *Les Épicuriens*. Paris: Gallimard, col. “Bibliothèque de la Pléiade”, 2010.

POIRIER, Jean-Paul. *L'abbé Bertholon*. Paris: Herman Éditeurs, 2003.

ROMEYER-DHERBEY, Gilbert. “Un feu artiste qui chemine...” In: OGEREAU, F. *Essai sur le système philosophique des stoïciens*. Versannes: Encre Marine, 2002.

SADE, Donatien Alphonse François de. *Œuvres*. T. I-III. Paris: Gallimard, col. “Bibliothèque de la Pléiade”, 1990/1995/1998.

\_\_\_\_\_. *50 lettres du marquis de Sade à sa femme*. Paris: Flammarion, 2009.

SAMBURSKY, Shmuel. *Physics of the Stoics*. Londres: Routledge and Kegan Paul, 1959.

\_\_\_\_\_. *The Physical world of the Greeks*. Trad. Merton Dagut. Londres: Routledge and Kegan Paul, 1987.

SCHUHL, Pierre-Maxime. “Préface”. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Les Stoïciens*. Paris: Gallimard, col. “Bibliothèque de la Pléiade”, 1962.

SINNER, Jean Rodolphe. *Essai sur les dogmes de la métempsychose et du purgatoire*. Berne: Société Typographique, 1771.

SPINK, John Stephenson. “Libertinage et ‘spinozisme’: la théorie de l’âme ignée”, *French studies: a quarterly review*, Oxford, v. 1, n° 1, 1947.

TOULMIN, Stephen Edelston; GOODFIELD, June. *The architecture of matter*. Chicago: University of Chicago Press, 1982.

VARTANIAN, Aram. “Quelques réflexions sur le concept d’âme dans la littérature clandestine”. In: BLOCH, Olivier (Org.). *Le matérialisme du XVIIIe siècle et la littérature clandestine*. Paris: J. Vrin, 1982.

VERBEKE, Gerard. *L’Évolution de la doctrine du “pneuma” du stoïcisme à S. Augustin*. Paris: Éditions de l’Institut Supérieur de Philosophie, 1945.

WARMAN, Caroline. “Modèles violents et sensations fortes dans la genèse de l’œuvre de Sade”, *Dix-huitième siècle*, Paris, n° 35, 2003.